



Diálogos

ISSN 2177-2940



Narcisos insubmissos: autorrepresentação, identidade e diferença nas artes visuais ibero-americanas

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v27i2.71308>

Dieison Marconi

 <https://orcid.org/0000-0003-1883-652X>

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro-RJ, BR

E-mail: dieisonmarconi@gmail.com

Lucia Gloria Vázquez-Rodríguez

 <https://orcid.org/0000-0002-6550-9364>

University College London (UCL). London-UK

Email: lucia.rodriguez@ucl.ac.uk

Bruno Marques

 <https://orcid.org/0000-0001-9693-0090>

Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061: Lisboa, PT E-mail: brunosousamarques@gmail.com

Flávia Jakemiu Araújo Bortolon

 <https://orcid.org/0000-0001-8477-2259>

Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba-PR, BR

E-mail: flaviabortolon@gmail.com

Em seu livro *O trabalho das imagens*, Jacques Rancière argumenta que uma *ficção dominante* é “uma racionalização do que nos é dado a perceber e experimentar”. (Rancière, 2021, p.62) Isto é, embora seja possível dizer que existem várias ficções em todo o *sensível* no qual estamos inseridos, a ficção dominante é justamente aquela que nos é imposta e tomada como norma no momento em que precisamos medir nossas realidades. O capitalismo, por exemplo, é para Rancière um modo de ficção dominante na medida em que tal modelo econômico e cultural nos diz: “eis o mundo como ele é” (Rancière, 2021, p. 65). Precisamente desse modo, o capitalismo coloca nossas “necessidades” materiais, econômicas e subjetivas num processo de

racionalização que dá força, justificativa e consenso para a existência da própria engrenagem capitalista.

Em meio a um amplo tecido de ficções dominantes conjugadas umas às outras, as quais introjetamos e com as quais convivemos e racionalizamos enquanto medida da única realidade possível, o que Rancière também chama de “*distribuição policial do sensível*”, poderíamos citar um sistema de sexo/gênero (Butler, 2023) que exige uma coerência heterossexual e cisgênera entre corpo, identidade, desejo e prática sexual. Também poderíamos usar como exemplo de ficção dominante o racismo em sua força reguladora e de distribuição de classes, raças e castas sociais, ou mesmo aquilo que o feminismo do século XX chamou de patriarcado. Sabemos, inclusive, que os países ibero-americanos, enquanto espaço histórico e cultural que foi e é vivido por suas populações enquanto um *sensível* comum e fracionado, também experimentou e experimenta uma série de ficções dominantes distintas e semelhantes, a exemplo das ditaduras que assolaram países como Argentina, Brasil, Portugal e Espanha, bem como a ficção dominante moderna dos processos de colonização que deixou heranças complexas nas relações históricas entre sua fração europeia (Portugal e Espanha) e sua fração latino-americana (Uruguai, Brasil, Argentina, Paraguai, etc).

Diante dessa compreensão de que compartilhamos um passado histórico e sociocultural recente e similar (semiperiférico, ditatorial, colonial, cristão, monoteísta patriarcal), o que as artes ibero-americanas teriam a dizer sobre tais ficções dominantes e com que ferramentas estéticas e dissensuais fariam frente a este consenso policialesco de gênero, sexualidade, raça e classe social? Que cenas, gestos e rostos, mesmo que transitórios, ambíguos e relacionais, poderiam perturbar determinados regimes policialescos não apenas de raça, gênero e classe, mas também perturbar as próprias ficções dominantes no campo das artes?

A estética, como nos diz Rancière, realiza um trabalho de desvelamento, ao que é possível acrescentar: “ela é a operação capaz de ajudar a política a desestabilizar as partilhas policiais do mundo sensível, produzindo um deslocamento do olhar que favorece uma mudança, mesmo que algumas vezes provisória e intervalar, no regime dominante daquilo que é visível, audível e pensável” (Marconi, 2021, p. 25). Baseados neste argumento, também poderíamos perguntar: o que a estética de um rosto, de um autorretrato, de uma exposição narcísica de si mesmo poderia desvelar a respeito das ficções dominantes em contextos ibero-americanos? Foi com essa pergunta, e com o mito de Narciso que admira seu próprio rosto na água cristalina de um lago, que organizamos ao longo de 2022 e 2023 o ciclo de conferências “Narcisos insubmissos:

autorrepresentação, identidade e diferença nas artes visuais ibero-americanas”.

No entanto, em nosso ciclo de conversa, nossos narcisos e narcisas não necessariamente se afogaram em águas de vaidade, tão pouco se remeteram ao comportamento patológico que interessa aos ditames da psicologia e da psiquiatria. Os rostos e os corpos das/dos artistas convidados, bem como de pesquisadores-artistas que contribuíram para o debate, desvelam justamente que rostos e corpos, na sua materialidade e na sua simbologia, dão legibilidade política aos diferentes modos de narrar a si mesmo e ao coletivo, de produzir ficções alternativas, de polemizar consensos, de abrir campos de visibilidade e de conhecimento e, sobretudo, demonstrar que segue viva a prática de auto-enunciação no campo das artes ibero-americanas, as quais, desde o século XX, já existiam como formas de contestação aos regimes ditatoriais, ao machismo e aos processos de normalização social e sexual.

Com este número monográfico, pretendemos analisar então as operações discursivas e estéticas que ocorrem quando são as subjetividades subalternas que representam a si mesmas, em vez de serem retratadas a partir do olhar de um *Outro* hegemônico que frequentemente procura coisificá-las, dominá-las e observá-las de uma distância que não contamine sua subjetividade. Retomando as palavras de Richard Dyer, queremos destacar a importância de que sejam as próprias artistas - esses narcisos insubmissos mulheres, queers, racializadas, de corporalidades gordas - que decidam como desejam se representar e, portanto, ser percebidas pela sociedade; afinal, "como somos vistos determina, em parte, como somos tratados; como tratamos os outros é baseado em como os enxergamos; tal percepção advém da representação". (Dyer 1993, 1) Ao longo de dois anos, de forma quinzenal, reunimos, então, artistas, curadores/as e pesquisadoras/es em torno do desafio de mapear e refletir sobre como sujeitos e grupos historicamente subalternizados desenvolveram, nos contextos da América Ibérica, Portugal e Espanha e ao longo do século XX e na contemporaneidade, diferentes formas de auto enunciação artística. Como extensão dessas atividades, lançamos agora em parceria com a Revista Diálogos o dossiê "*Narcisos insubmissos: autorrepresentação e sexualidades dissidentes nas artes visuais ibero-americanas*".

A chamada do dossiê foi aberta a pesquisadores, pesquisadoras, artistas e curadores que exploram em seus trabalhos as diferentes formas de experimentação da selfie, do autorretrato, do filme confessional, dos arquivos de diário e demais formas de exploração da autoimagem no cinema, na fotografia, na performance, na videoarte, especialmente no modo como esses "impulsos narcisistas" refletem movimentos e embates em torno de tópicos mais específicos como

epistemes queer e feministas para/contra às teorias da autorrepresentação, epistemes decoloniais para/contra as teorias da autorrepresentação, ativismo social e direito à auto-imagem, arte drag e demais artes transformistas na produção da autoimagem, impulsos narcisistas, diarísticos e confessionais. Outra característica do presente dossiê é a de que não se tratou apenas de um convite a pesquisadores de artigos científicos que abordassem os temas propostos, mas também um convite a artistas que teriam interesse em publicar ensaios visuais tocantes ao tema. Desse modo, o dossiê que se apresenta possui uma qualidade tanto reflexiva/teórica quanto de prática artística.

Na sessão de artigos acadêmicos contamos com oito textos escritos em inglês, português e espanhol. O texto que abre a sessão de artigos do dossiê é a investigação dos pesquisadores Laan Mendes de Barros e Marcos Roberto de Souza Brogna, intitulado “*Narciso em férias* como experiência estética especular de reconhecimento: Caetano Veloso e seu corpo insubmisso”. Situado no campo teórico e metodológico da experiência estética, o artigo dos pesquisadores examina o documentário brasileiro *Narciso em férias* (Direção de Renato Terra e Ricardo Calil, 2020), longa-metragem que explora o relato íntimo e pessoal do cantor brasileiro Caetano Veloso sobre sua prisão efetuada pela ditadura civil-militar brasileira em dezembro de 1968. O documentário é parcialmente inspirado em livro homônimo lançado em 1997, escrito e agora narrado em frente às câmeras pelo protagonista da história, Caetano Veloso, que se autointitula um Narciso. Através de Veloso e do filme, o artigo realiza, então, um cotejamento da política brasileira entre os anos 1960 e o ano de 2020, contextos que, cada um a seu modo, espelharam o desejo civil-militar por um Estado de exceção, o que inclui o fato de que o cárcere de Caetano Veloso pela ditadura brasileira também foi motivado pela corporalidade e expressão gênero do cantor, descrita nos autos do processo como “desvirilizante”.

O dossiê ainda conta com outros dois trabalhos situados no campo dos estudos fílmicos: “Dilemas de representação na carreira e obra de Emilio Fernández”, escrito por Rodrigo Almeida, analisa os impasses representacionais na carreira e obra do ator e diretor mexicano Emilio Fernández, mais conhecido como “El Indio”. Para isso, o artigo coteja os melodramas *Flor Silvestre* (1942), *Las Abandonadas* (1945), *Pueblerina* (1949) e especialmente *Maria Candelária* (1944) e *La Perla* (1947), buscando compreender a defesa e formulação de uma iconografia nacional mexicana através do cinema, da imagem de homens e mulheres indígenas e da justiça social para os povos nativos da região. Por outro lado, e em contraposição ao avanço da obra e da carreira de Fernández em relação a este campo estético e político, a pesquisadora também investiga como os

filmes do diretor são contraditórios na medida em que naturalizam a violência de gênero contra mulheres e conserva valores hegemônicos e arraigados da masculinidade da qual o próprio Fernández era partícipe.

Por sua vez, o artigo “Representación social de la violencia contra las mujeres indígenas en los filmes *La teta asustada* e *Ixcanul Volcano*”, de autoria de Maylen Villamañan Alba e Lucas Melgaço, analisa, a partir do longa-metragem peruano *La teta Asustada* (Claudia Llosa, 2009) e do longa-metragem guatemalense *Ixcanul* (Jairo Bustamante, 2015), uma política da representação singular e coletiva das mulheres indígenas no contexto cultural dos respectivos países, sobretudo no que diz respeito às expressões de violência, racialização, colonialidade, precariedade e exclusão sofridas por essas mulheres e personagens que, apesar da vida miserável, buscam tomar as rédeas de seu destino.

Além do cinema, a fotografia também se faz presente como objeto de estudo através do artigo “O autorretrato na fotografia contemporânea e a negociação de um novo repertório visual sobre amamentação”, de autoria de Elisa Elsie Beserra, Maria Angela Pavan e Josimey Costa. Por meio das obras *Você está morta* de Malu Teodoro e *O leite do fim* de Elisa Elsie, o artigo explora as representações visuais feministas e artísticas sobre a amamentação na contemporaneidade. Isto é, a investigação das autoras reflete sobre artistas visuais que também são mães e que, a partir dessa posição dupla, mobilizam uma ação para fora do espaço íntimo e tensionam o regime de representação discriminatória do aleitamento materno em espaços públicos.

A máxima “o pessoal é político” do feminismo do século XX também se atualiza no artigo de Maurício João Vieira Filho e Mariana Ramalho Procópio, intitulado “Do íntimo ao êxtimo do sexo: discussões sobre performances de si no projeto audiovisual”. Neste texto, a autora e o autor exploram o projeto audiovisual *Sem Capa*, publicado na plataforma de vídeos pornográficos *Xvideos* pelo artista João Pedro Sa, mais conhecido como Sa João. Ancorados na proposta metodológica do paradigma indiciário, o artigo busca entender as estratégias de comunicação do projeto *Sem Capa* ao tratar de temáticas associadas às relações homossexuais, à pornografia e à pós-pornografia gay, bem como a respeito da quebra de intimidade, da biografia e das figurações do corpo em um espaço de exibição ilimitada, inclusive do próprio corpo do artista que se mostra nas imagens.

Ainda se tratando de projetos artísticos inseridos nas redes sociais e plataformas de exibição on-line, temos o artigo “*Meet the artist*: uma visita às autorrepresentações de Marco Bym e Breeze Spacegirl”, de autoria de Nataly Costa Fernandes Alves, Felliipe de Albuquerque Rodrigues

e Octavio Carvalho Aragão Júnior. O artigo analisa a autoenunciação em ilustrações de artistas negros e queer em redes sociais como Instagram, Facebook e X (anteriormente Twitter). Mais especificamente, o trabalho se debruça sobre as ilustrações de Breeze Spacegirl (Flávia Borges) e Marco ByM, mobilizando um aporte bibliográfico que inclui Judith Butler, Erwin Panofsky, Karl Erik Schøllhammer para verificar como estas obras tensionam valores racistas e heteronormativos do ponto de vista da estética, do consumo e da circulação da autoimagem dos próprios artistas.

Já através do artigo “Estética de Nino Cais: identidade europeia versus brasileira: desconstruindo ícones coloniais”, de autoria de Maria de Fátima Lambert, percebemos que, ao passo que o artigo possibilita recordar de uma época em que artistas europeus chegaram ao Brasil com fins antropológicos, fins políticos, científicos ou, mesmo, artísticos e, desse modo, levavam até o velho continente a natureza, a paisagem, os indígenas e seu patrimônio para suscitar no público europeu a estranheza e a fruição pitoresca, o texto em questão também busca analisar, através do artista plástico contemporâneo Nino Cais, como essa linhagem da iconografia colonial é subvertida por meio de autorretratos “exóticos” apoiados na auto-identidade, no dissenso de uma uniformidade de gosto e padrões estéticos, no gesto de contra movimentos raciais e críticas sociais.

As figurações de si inseridas em comunidades mais amplas também se faz presente no artigo “Quadrinhos de memória e vivências trans: a autorrepresentação trans masculina em *Monstrans*, de Lino Arruda”. Os autores Mateus Yuri Passos e Miguel Trombini mostram como o artista reflete sobre a possibilidade de produzir suas próprias histórias e narrar sua experiência singular de homem transexual por meio de quadrinhos memorialísticos. Além de recuperar historicamente a importância da arte de quadrinhos para populações LGBTQ+ desde o século XX, o artista/pesquisador investiga a estética e a visualidade da autorrepresentação trans, passando por questões como subjetivação, aparência física, relações familiares, infância, sociabilidade e estética da monstruosidade.

O texto que encerra o dossiê intitula-se “Em nome do sexo, do gênero e da sexualidade: estudo sobre a performance arte *Kunyaza* de Sue Nhamandu”, de autoria de Patrícia Giselia Batista, que busca traçar um panorama das discussões públicas em torno de temas feministas, queer e de gênero entre os anos de 2010 e 2020, contexto histórico e cultural recente que revive insurgências conservadoras, censuras de exposições artísticas, movimentos antidemocráticos, perseguição de artistas, ativistas e pesquisadores, precarização das condições de produção artística e cultural e, em contraposição a isso tudo, formas de resistência e sobrevivência da

produção artística nos espaços públicos.

Por fim, na sessão de ensaios visuais, contamos com quatro trabalhos artísticos. Em *Rio Vermelho*, a artista Mariana Galli invoca com seu próprio corpo fotografado as imagens do Rio Vermelho localizado na Cidade de Goiás (Goiás, Brasil), curso de água que margeia outras cidades da região e que possui um nome envolto em histórias do período de colonização portuguesa no país. Na cultura popular, alguns o conhecem como Rio Vermelho devido aos corpos de indígenas mortos que foram jogados no rio na época da colonização, explica o artista visual. Por sua vez, Mariana do Vale apresenta *Onde fica o Útero?*, conjunto de autorretratos que decorrem da reflexão sobre uma identidade de gênero que apenas parece residir em um órgão. Desse modo, as fotomontagens resultam da sobreposição de imagens radiográficas da vagina e do útero da própria artista, colocando em circulação uma reflexão sobre reprodução sexual, feminilidade, cisgeneridade e estereótipos de gênero.

Em *Por que nossos corpos deveriam terminar na pele?*, Larissa Brum apresenta um conjunto de fotografias de espelhos quebrados ou, nas palavras da mesma, “máscaras em estilhaços”. Como seu trabalho, a artista busca suscitar questões e sensações sobre percepção de si, sobre tornar-se objeto de si mesmo, sobre fragmentação de corpo e de identidade, observador e observado. Por último, Íra Barillo é uma besta-fera que apresenta projeto do mesmo nome. Num jogo entre autorretrato e colagem, o ensaio visual explora a autoimagem de um corpo de inteligibilidade frágil para determinadas normas de gênero, de sexualidade, de beleza ou, ainda, para determinadas ontologias do que é um ser humano. Barillo mistura seu corpo gordo e dubio a corpos de animais e paisagens da natureza, inventando assim uma criatura inconforme para a dicotomia do pensamento e da idade moderna que teria começado, segundo historiadores, com as grandes navegações do século XV e os respectivos períodos de colonização de regiões distantes da Europa Ocidental.

Desejamos uma ótima leitura e fruição.

MARCONI, Dieison; VÁZQUEZ-RODRÍGUEZ, Lucia Gloria; MARQUES, Bruno; BORTOLON, Flavia Jakemiu Araújo. Narcisos insubmissos: autorrepresentação, identidade e diferença nas artes visuais ibero-americanas

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

DYER, Richard. *The Matter of Images: Essays on Representation*. Londres: Routledge, 1993.

MARCONI, Dieison. O dia em que os dândis tomaram chá com Jacques Rancière: as relações entre polícia e política na perspectiva das estéticas dândis. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 15, n. 2, p. 7-28, 18 maio de 2021.

RANCIÈRE, Jaques. *O trabalho das imagens*. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2021.